

MICROCONSTRUÇÃO AVALIATIVO-MODALIZADORA COM “SUPER” NA LÍNGUA PORTUGUESA – UMA ANÁLISE A PARTIR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Evaluation-modifying microconstruction with “super” in the Portuguese language – an
analysis from usage-based functional linguistics

Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto (UFJF)

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

Resumo

Este artigo tem como finalidade a descrição do pareamento forma-função da microconstrução avaliativa “*super*” *mais verbo* na língua portuguesa – {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc} – a partir de uma proposta de rede taxonômica que relaciona tal padrão construcional de maneira hierárquica em torno de um esquema abstrato comum – {[X]_{op} + [Y]_{var}}^{int/foc}. Assume-se, para tanto, o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, que tem como pressupostos básicos a renovação da língua pelo uso, o estudo da gramática e do discurso simultaneamente e a correlação entre formas e funções linguísticas. Adota-se como procedimento metodológico o equacionamento entre a análise qualitativa das ocorrências e o cálculo da frequência de uso. Para o levantamento e a análise das ocorrências, foi constituído um *corpus* sincrônico escrito, cujos textos, retirados de *blogs* e de revistas disponíveis na internet, foram distribuídos em um *continuum* de (in)formalidade. Os resultados obtidos apontam que a microconstrução {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc} tem como características (i) o posicionamento avaliativo do locutor com atitude focalizadora, (ii) a propriedade da modalização, (iii) a atribuição da intensificação de maneira implícita e (iv) o uso [+ intersubjetivo]. Nesse sentido, observa-se que “super”, na microconstrução analisada, cumpre propósito comunicativo específico na língua portuguesa.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; Microconstrução; Avaliação; Modalização; “*Super*” *mais verbo*.

Introdução¹

Assumimos, neste artigo, uma concepção de língua como interação, isto é, entendemos que atividade linguística é atividade social e cultural. É através da língua que os indivíduos relatam acontecimentos, expressam vontades e medos,

¹ O presente artigo constitui um recorte de nossa tese de Doutorado, defendida em 2018, na Universidade Federal de Juiz de Fora (MARTINS DALL’ORTO, 2018).

tentam solucionar problemas, avaliam situações, influenciam seus interlocutores, planejam ações, dentre outras funções (SALOMÃO, 1999)².

Uma vez que a língua constitui um reflexo das experiências sociais e culturais dos indivíduos no mundo, pode-se dizer que as formas linguísticas consistem em materializações das funções discursivas pretendidas pelos usuários da língua nas interações comunicativas. Sendo assim, a funcionalidade do sistema linguístico é compreendida em termos de estrutura interna da língua e de funções que a língua desempenha no discurso (NEVES, 1997, 2011 [2006]; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2016; MOURA, 2017).

A língua se adapta, desse modo, às necessidades comunicativas dos falantes. É nesse sentido que defendemos, neste trabalho, o conceito de gramática emergente, que diz respeito à necessidade que toda gramática tem de (re)formulação e de (re)elaboração, que se dá no e pelo contexto de uso (GONÇALVES *et al.*, 2007; FURTADO DA CUNHA, 2008; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; MOURA, 2017).

Embora o sistema linguístico seja dinâmico, adaptativo e complexo, construindo-se na interação entre locutores e interlocutores, acredita-se que tal dinamismo não se estabelece de maneira arbitrária na língua (WILSON & MARTELOTTA, 2013 [2008]).

Dessa maneira, a gramática da língua é entendida como um conjunto de regularidades (ou de esquemas simbólicos) que são mobilizados no momento da elaboração e da organização do discurso, e de estruturas linguísticas em variação e mudança (MARTELOTTA *et al.*, 1996; FURTADO DA CUNHA, 2008; BYBEE, 2010; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013). Segundo Furtado da Cunha (2008, p. 173), “ao lado de padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, a gramática de qualquer língua exhibe mecanismos de codificação emergentes, que são consequentes da necessidade de formas mais expressivas”.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo a descrição do pareamento forma-função da microconstrução avaliativa {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc}, que é instanciada na língua portuguesa para cumprir propósito comunicativo específico, conforme é possível observar no exemplo seguinte:

² Cf.: “Na verdade, a linguagem existe para que as pessoas possam relatar a estória de suas vidas, eventualmente mentir sobre elas, expressar seus desejos e temores, tentar resolver problemas, avaliar situações, influenciar seus interlocutores, predizer o futuro, planejar ações.” (SALOMÃO, 1999, p. 65).

(1) A Ana Beatriz Barros ainda não terminou o olho, mas dá para ver bem a pele aqui. O Giovanni também contou que a cobertura é daquelas, beem pesada. Na vida real é tenso, mas pro desfile-show **super rola**. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)³

No exemplo (1), o locutor, por meio da construção “super rola”, avalia positivamente o uso da maquiagem pesada em um “desfile-show” – embora o avalie negativamente “na vida real”, no dia a dia. “Super”, associado ao verbo “rola”, nesse contexto, desempenha a função morfossintática de advérbio modalizador epistêmico asseverativo, uma que vez que o locutor se compromete com a veracidade da proposição, em uma estratégia de convencimento de seu interlocutor.

Para a investigação da microconstrução avaliativa {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc}, a partir de uma proposta de rede que relaciona tal padrão construcional de maneira hierárquica em torno de um esquema abstrato comum – representado formalmente por {[X]_{op} + [Y]_{var}}^{int/foc} –, assumimos a abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso, que tem como pressupostos a investigação da língua sob o ponto de vista da gramática e do discurso, a (re)modelagem da gramática pelo uso e a correlação entre estruturas linguísticas e suas funções discursivas.

Como procedimento metodológico, adotamos o equacionamento entre a análise qualitativa e o cálculo da frequência de uso. As ocorrências da microconstrução avaliativa {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc} foram coletadas de um *corpus* sincrônico escrito, composto por textos retirados de *blogs* e de revistas disponíveis na internet, os quais foram distribuídos em três níveis de formalidade.

A fim de cumprir o objetivo proposto, este artigo organiza-se da seguinte maneira: (i) na primeira seção, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam a análise empreendida neste trabalho; (ii) na segunda seção, apresentamos os resultados obtidos da análise realizada; (iii) na terceira seção, fazemos as considerações finais.

1. Procedimentos teórico-metodológicos

1.1. A Linguística Funcional Centrada no Uso

³ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/12/01/make-das-angels/>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

A partir das concepções de língua como atividade social e de gramática emergente, adotamos uma abordagem que tem como princípio a língua em uso – a Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, também, LFCU). *Linguística Funcional Centrada no Uso* é a denominação cunhada no âmbito dos estudos do Grupo Discurso & Gramática (MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; BISPO & SILVA, 2016; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016) para designar um modelo teórico-metodológico que assume que o sistema linguístico está fundamentado em processos linguísticos, comunicativos, socioculturais e cognitivos, os quais motivam sua constante (re)elaboração.

Em LFCU, o sistema linguístico é entendido como sendo o reflexo de capacidades cognitivas, as quais se materializam no ambiente discursivo e interacional (MARELOTTA, 2011; CEZÁRIO & FURTADO DA CUNHA, 2013). Segundo Bybee (2010), formas e funções linguísticas surgem na língua a partir de um processo conceptual de categorização, que se realiza com base em representações simbólicas ou esquemas já existentes.

A gramática da língua é, desse modo, a organização cognitiva da experiência do indivíduo com a linguagem no mundo físico e sociocultural. Por isso, em LFCU, investigam-se os usos efetivos da língua em contextos reais de produção, considerando aspectos motivadores de conceptualização, categorização, analogia, inferência sugerida, interação, experiências socioculturais, entre outros (CEZÁRIO & FURTADO DA CUNHA, 2013; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; SAMBRANA, 2017).

Em outras palavras, a gramática da língua, que compreende um conjunto de esquemas simbólicos que se configuram por meio da fonologia, da morfologia, da sintaxe – no polo da forma –, e da semântica, da pragmática e do discurso – no polo da função –, consiste no conhecimento que os falantes têm de determinado sistema linguístico e da organização cognitiva desse sistema a partir de suas experiências no mundo (BYBEE, 2013; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

A correlação entre os aspectos da dimensão da forma e os aspectos da dimensão da função linguística, motivada por princípios cognitivos e sociocomunicativos, é denominada “construção”. Segundo Croft (2001), a noção de construção se aplica a qualquer estrutura da gramática ou do léxico, desde morfemas a padrões completamente esquemáticos. Nesse sentido, consideramos que itens isolados não produzem sentidos, de modo que padrões construcionais compreendem relações cotextuais, que são construídas no ambiente linguístico, e relações contextuais, que envolvem o contexto extralinguístico e as modalidades oral e escrita da língua (FURTADO DA CUNHA & CUNHA LACERDA, 2017).

Dessa maneira, a LFCU confere mesma dimensão ou importância ao componente estrutural e ao componente funcional da construção, assumindo a bidirecionalidade *função* < > *forma* e sugerindo que forma e função são interdependentes (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA & ARENA, 2016; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016).

Nesse contexto, Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013) defendem que a língua é formada por um inventário de correlações forma-função, ou seja, por um conjunto de construções que se organizam hierarquicamente em torno de uma rede taxonômica comum. A língua é entendida, em outras palavras, como uma rede de nós interligados por elos que se estabelecem de maneira hierárquica. Tal rede taxonômica é formada por padrões mais idiossincráticos e por padrões mais esquemáticos. E a gramática, dessa maneira, consiste na organização da convivência de todos esses padrões.

Portanto, no presente artigo, dedicamo-nos à descrição da microconstrução avaliativa {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc} na língua portuguesa, demonstrando como propriedades da dimensão funcional da construção moldam e são moldadas por propriedades formais na instanciação de um novo pareamento na língua. A partir da análise das ocorrências coletadas em contextos reais de produção, assim, demonstramos de que maneira tal padrão construcional relaciona estrutura linguística e seu funcionamento no contexto discursivo e de que modo pode ser pensado em termos de esquematicidade.

1.1.2. A rede hierárquica e a microconstrução avaliativa {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc}

No âmbito da LFCU, a língua é entendida como sendo uma grande rede de construções, isto é, de pareamentos forma-função que se relacionam de maneira hierárquica em termos de esquematicidade. Sendo assim, assume-se que qualquer língua natural é estruturada a partir de um inventário de construções mais abstratas e gerais e de construções mais específicas (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Traugott e Trousdale (2013) propõem três níveis hierárquicos, a saber, *esquema*, *subesquema* e *microconstrução*, para a compreensão dos graus de generalidade e de especificidade das construções em uma rede construcional.

De acordo com os autores, o *esquema* linguístico consiste na representação virtual mais alta da rede construcional. O *esquema*, sendo uma construção formal e funcionalmente mais geral e altamente abstrata, apresenta diversas possibilidades de preenchimento (*slots*). Nos

níveis intermediários de uma rede estão os *subesquemas*, os quais abarcam conjuntos de construções individuais que possuem semelhanças entre si. Por fim, as *microconstruções* são construções individuais, propriamente ditas, isto é, construções mais básicas, (i) que mantêm suas especificidades em relação ao pareamento forma-função, (ii) que se convencionalizam na língua nos níveis mais baixos da rede e (iii) que preenchem os *slots* dentro dos *subesquemas* (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Uma construção que é mais abstrata e mais esquemática é, também, mais convencionalizada na língua, bem como apresenta mais *slots* em sua constituição. Por outro lado, uma microconstrução é mais específica, apresentando restrições de preenchimento (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

No que tange à microconstrução avaliativa $\{[\text{super}]_{\text{op}} + [\text{verbo}]_{\text{var}}\}^{\text{int/foc}}$, entendemos que esta seja um pareamento pertencente a um esquema mais abstrato, cuja configuração formal e funcional pode ser observada no quadro a seguir:

ESQUEMA	
Função	<i>Posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva e focalizadora</i>
Forma	$\{[X]_{\text{op}} + [Y]_{\text{var}}\}^{\text{int/foc}}$

Quadro 1 : Configuração funcional e formal do esquema

A construção mais esquemática $\{[X]_{\text{op}} + [Y]_{\text{var}}\}^{\text{int/foc}}$, recrutada pelo locutor para fins de posicionamento avaliativo com atitudes intensificadora e focalizadora (int/foc), é composta por dois *slots* – X e Y –, que representam duas possibilidades de preenchimento por estruturas simbólicas. X representa o *slot* preenchido por intensificadores e focalizadores, tais como “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” – denominado operador (op) –; e Y representa o *slot* preenchido por elementos intensificados e focalizados, que podem ser um adjetivo, um advérbio, um substantivo ou um verbo – denominada variável (var).

Para Martin (2003), White (2003) e Page (2003), a avaliação está relacionada ao posicionamento, à expressão de emoções, de atitudes e de julgamentos de valor, e aos significados que mostram o compromisso do falante com as proposições. Sendo assim, formas linguísticas são utilizadas para avaliar, para adotar posturas, para construir personalidades e para administrar posicionamentos e relações interpessoais.

Martin (2003) distingue três categorias de avaliação: (i) o afeto, (ii) a apreciação e (iii) o julgamento. A avaliação por afeto diz respeito à manifestação das emoções e dos sentimentos do falante; a avaliação por apreciação refere-se a atributos; a avaliação por julgamento diz respeito à manifestação de atitudes sobre a moral do indivíduo (VIEIRA, 2007).

No âmbito dos estudos em LFCU, o posicionamento avaliativo do locutor tem sido tratado a partir da perspectiva da (inter)subjativização – expansão semântico-pragmática de uma construção em direção a funções mais abstratas e interpessoais. Segundo Traugott (1995, 2010), Traugott e Dasher (2005) e Cuyckens *et al.* (2010), a subjativização consiste na codificação linguística das atitudes, das crenças, dos valores e das avaliações do locutor. Já a intersubjativização consiste na codificação da preocupação do locutor com o *self* de seu interlocutor.

No que concerne à pesquisa empreendida, assumimos que a construção mais esquemática $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$, que envolveria a instanciação de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” ou “ultra” associadas a adjetivo, advérbio, substantivo ou verbo, teria como função mais abstrata a expressão do posicionamento avaliativo do locutor sobre si mesmo, sobre alguém, sobre algo ou sobre a própria proposição.

Além do domínio funcional mais abstrato do posicionamento avaliativo do locutor e da estratégia semântico-discursiva da intensificação – que, segundo Silva (2014), constitui uma estratégia discursiva de acréscimo semântico a uma noção conceptual para além de sua concepção normal ou já graduada –, evidenciamos que a construção mais esquemática $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$ indexa, ainda, a focalização – também denominada relevo ou proeminência.

Para Travaglia (1999), a focalização, ou proeminência, tem por objetivo enfatizar, intensificar, marcar um valor especial, estabelecer contraste, reforçar argumento, marcar importância, marcar foco informacional etc. Gonçalves (1998) define a focalização como sendo uma espécie de refletor direcional, de modo que o falante chama a atenção do ouvinte para uma porção da proposição, que é entendida como mais informativa ou mais relevante.

A focalização na construção mais esquemática $\{[X]_{op} + [Y]_{var}\}^{int/foc}$ é denominada por Quarezemin (2009) como foco estreito. O foco estreito é aquele que desencadeia uma relação operador-variável por meio de uma configuração de escopo. Nas construções por nós analisadas, X atua como operador, cuja função é focalizar, ao passo que Y, disposto à direita do operador, funciona como o escopo da focalização, também chamado de variável.

Nesse contexto, identificamos treze microconstruções que se distribuem, por similaridades e por especificidades no que se refere às suas propriedades formais e funcionais, em três diferentes subesquemas. Tais subesquemas se diferenciam semântica e sintaticamente em função do escopo da intensificação e da focalização e do papel morfossintático exercido por “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” nas construções – se advérbio de intensidade, se adjetivo qualificativo, se advérbio modalizador.

Neste trabalho, os três subesquemas identificados são organizados em torno de um esquema construcional mais abstrato e sugerem um possível *continuum* de crescente intersubjetivização. O subesquema 1, representado pela formalização simbólica $\{[X]_{op} + [adj/adv]_{var}\}^{int/foc}$, indexa focalização, intensificação explícita e uma ancoragem [+ intersubjetiva]. Nesse subesquema, o locutor expressa sua avaliação explícita sobre si mesmo, sobre o outro ou sobre determinada realidade. O subesquema 2, representado pela formalização simbólica $\{[X]_{op} + [subs]_{var}\}^{int/foc}$, tem por características funcionais a focalização, a intensificação implícita, a qualificação e uma ancoragem [+ intersubjetiva] do que a do subesquema 1. No subesquema 2, o locutor exprime sua avaliação sobre o outro ou sobre uma realidade. Por fim, o subesquema 3, representado pela formalização simbólica $\{[X]_{op} + [verbo]_{var}\}^{int/foc}$, articula focalização, intensificação implícita, modalização e uma ancoragem [+ intersubjetiva] do que a dos subesquemas 1 e 2. A ancoragem ainda mais intersubjetiva do subesquema 3 deve-se ao fato de as suas microconstruções indexarem o posicionamento do locutor acerca da própria proposição.

Cada um dos subesquemas identificados compreende microconstruções que, além de apresentarem similaridades entre si, possuem suas particularidades. No presente artigo, realizamos um recorte de um trabalho maior, a fim de descrever apenas a microconstrução avaliativa $\{[super]_{op} + [verbo]_{var}\}^{int/foc}$, já que esta, além de produtiva e recente na língua, tem demonstrado um comportamento peculiar no que diz respeito ao propósito comunicativo de “super”.

1.2. O método misto

Para a realização da pesquisa, adotamos como procedimento de análise o método misto, que diz respeito ao equacionamento entre as análises qualitativa e quantitativa dos dados, uma vez que temos como objetivo descrever o pareamento forma-função da microconstrução avaliativa $\{[super]_{op} + [verbo]_{var}\}^{int/foc}$, que se convencionaliza na língua a partir do aumento de sua frequência de uso.

O método misto consiste na combinação entre os métodos qualitativo e quantitativo que visa à ampliação do conhecimento do analista sobre o objeto investigado, uma vez que possibilita a descrição prévia das categorias em que os dados se inserem, a elaboração de generalizações a partir da quantificação dos dados e a interpretação de determinados padrões.

Em suma, o método misto possibilita uma análise mais minuciosa do objeto e de seu contexto de ocorrência (SCHIFFRIN, 1987; CRESWELL, 2007; JOHNSON et al., 2007).

Desse modo, o método misto constitui uma metodologia em conformidade com as proposições teóricas adotadas neste artigo. Segundo Cunha Lacerda (2016), o uso do método misto permite ao pesquisador identificar e descrever padrões construcionais individuais, que se convencionalizam na língua a partir do aumento da frequência de uso e que estão pautados em esquemas abstratos de natureza cognitiva.

As ocorrências das construções avaliativas analisadas foram coletadas em um *corpus* sincrônico escrito, composto por textos retirados de *blogs* e de revistas disponíveis na internet, os quais foram distribuídos em três níveis de formalidade. Cada um dos níveis de formalidade é composto por 900 mil palavras.

A proposta de distribuição dos textos em níveis de formalidade advém da perspectiva da variação diafásica, ou variação da língua por um mesmo indivíduo a depender da situação comunicativa em que está inserido (OLIVEIRA, 2012). Nesse sentido, busca-se uma maior representatividade da língua, em um *continuum* que vai do registro mais formal ao registro mais informal do sistema linguístico. Além disso, o *continuum* de (in)formalidade consiste em mais um controle do pesquisador para evitar que os resultados sejam enviesados, fornecendo pistas acerca dos contextos propícios para a instanciação e a convencionalização das construções avaliativas investigadas.

2. Resultados

Na presente seção, descrevemos o pareamento forma-função referente à microconstrução avaliativa $\{[\text{super}]_{\text{op}} + [\text{verbo}]_{\text{var}}\}^{\text{int/foc}}$, que está vinculado aos padrões construcionais que configuram o subesquema 3 – $\{[\text{X}]_{\text{op}} + [\text{verbo}]_{\text{var}}\}^{\text{int/foc}}$ – e o esquema – $\{[\text{X}]_{\text{op}} + [\text{Y}]_{\text{var}}\}^{\text{int/foc}}$ – da rede construcional.

A microconstrução avaliativa $\{[\text{super}]_{\text{op}} + [\text{verbo}]_{\text{var}}\}^{\text{int/foc}}$ atua no posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva e focalizadora e, ainda, exprime modalização. Nesse caso, o advérbio modalizador, que aparece em posição anteposta a verbos ou a locuções verbais, além de focalizar o elemento subsequente e exprimir intensidade implícita, também modaliza a proposição, podendo ser substituído por “com certeza”, “mesmo”, “de fato”, “realmente”, entre outros.

Segundo Neves (2000) e Castilho (2010), os advérbios modalizadores são utilizados pelo locutor para exprimir seu posicionamento avaliativo no que tange à proposição. Segundo Neves (2000), advérbios modalizadores codificam a atitude do locutor em relação à veracidade da proposição, tendo como função “modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação linguística” (NEVES, 2000, p. 244).

Na construção avaliativa analisada neste trabalho, o advérbio modalizador é do tipo epistêmico asseverativo. Advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos exprimem uma avaliação do locutor acerca do valor de verdade do que é dito na proposição (CASTILHO, 2010; NEVES, 2000). Sendo assim, advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos “podem ser representados pelo predicador ‘eu sei com certeza que p’, em que p corresponde ao conteúdo sentencial” (CASTILHO, 2010, p. 555).

Neves (2000) pondera que o uso de advérbios modalizadores epistêmicos asseverativos não garante que o conteúdo da proposição seja, de fato, verdadeiro. Para a autora, tais advérbios apenas indicam que o locutor pretende marcar sua proposição como digna de credibilidade. É nesse contexto que, nesta pesquisa, assumimos que a microconstrução avaliativa {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc} é [+ intersubjetiva], pois, além de codificar o posicionamento avaliativo do locutor em relação à proposição, o locutor assevera seu discurso em uma estratégia de convencimento de seu interlocutor.

A microconstrução avaliativa {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc} tem como particularidade a modificação de força intensiva em força com que o locutor acredita na veracidade da proposição. Nesse sentido, a intensificação é de explicitude indireta – nos termos de Silva (2008, 2014). Logo, nessa microconstrução, pode-se dizer que a atribuição de intensidade se torna menos saliente, enquanto a modalização ganha relevo.

Observemos as ocorrências a seguir:

(2) Eu trabalho há 20 anos na Conspiração, que é uma empresa formada por homens. E eu vi mulheres muito fortes passarem lá e não aguentaram a barra. Porque é difícil lidar com tanto homem. Eu **super me dou** com eles, mas tem que ter jogo de cintura o tempo inteiro. Por outro lado, a estrutura de produção hoje no mercado audiovisual é feminina. As mulheres estão em todos os cargos. Às vezes você está numa mesa com 15 mulheres. (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 2)⁴

⁴ Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/descontrole-de-qualidade>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

(3) Durante a nossa estadia em Miami, nós tivemos uma parceira que nos ajudou em TUDO o que precisávamos nesses dias, a Chris Brooks e sua equipe do Club Concierge, pra quem não conhece, é uma empresa que presta serviço ao cliente e não importa o que você deseja. Eu amei conhecer o trabalho deles e **super indico** pra quem for curtir uns dias na cidade. Foram eles que organizaram praticamente tudo para nós [...] (*Corpus* 2014 – Nível de formalidade 1)⁵

(4) Pois criei coragem e saí outro dia de sombra azul, como falei que faria. E de dia. Escolhi uma da Contém 1g nova, a Fascination na cor Olivina opaco. Ela é meio turquesa mas não é tão vibrante, uma cor bem legal, e o aplicador dispensa pincel. Passei como se fosse um delineador, só que mais grosso um pouco (tentando imitar o da Kate Bosworth no Met). Aí olhei no espelho, achei que tava too much e esfumei um pouquinho, passei rímel e pronto. Eu adorei o efeito, mas a reação das pessoas foi nula!!! Hahaha ou seja, ou ninguém reparou (da próxima vez vou deixar sem esfumar) ou todo mundo **super aceitou** o estilo azul, o que é um bom sinal. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)⁶

(5) Já tinham comentado comigo várias vezes sobre a marca de maquiagem Nyx mas eu nunca tinha prestado atenção... acho até que vi um quiosque deles em Buenos Aires lá na Pacífico, mas também nem dei bola! Esses dias assistindo os tutoriais do youtube (gente eu tô realmente empenhada em aprender novos makes) eu percebi que as meninas americanas usam móóóóinto os produtos da Nyx e **super recomendam**. As sombras são mega pigmentadas e tem em uma variedade de cores tããã grande que fica difícil escolher. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)⁷

(6) Sinceramente não sei dizer qual desses é meu favorito, acabo usando cada hora um. Como já falei aqui no blog algumas vezes, acho lápis preto dos produtos mais versáteis que há, e tendo um em mãos você consegue fazer makes simples, rápidos e que dão o maior efeito!! (...) Reparem que nesse segundo vídeo usei um lápis da categoria “seco” para fazer o borrado – porque **SUPER dá** para ser com ele, é só que os mais cremosos que mostrei acima deslizam melhor! (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)⁸

(7) Alguns quilômetros de trânsito na Marginal depois, fui encontrar a Letícia do Notas de Beleza, que convidou a equipe do Vnf? para o SOHO Coleções – Primavera/Verão 2008/2009, um desfile do SOHO, veia artística do SOHO, responsável por inovar, inventar, pensar e criar cores e cortes que refletem as tendências internacionais. Claro que minha professora de inglês **super entendeu** a causa e lá fui eu

⁵ Disponível em: <<http://camilacoelho.com/2014/07/31/nossa-estadia-em-miami-com-o-club-concierge/>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

⁶ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/06/04/azul-uma-experiencia/>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

⁷ Disponível em: <<http://www.garotasestupidas.com/linda-por-menos/>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

⁸ Disponível em: <<http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2011/12/27/lapis-pretos-comparando/>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

sentar na primeira fila, ho ho ho. Eu nem vou comentar sobre a angústia de “o que vestir num desfile?” ou “o que fazer no cabelo num desfile de cabelo do Soho?” porque acabei não fazendo nada, por sorte, pois a chuva deixou meu cabelo com aparência de gato morto na enchente /piadainterna>. (*Corpus* 2008 – Nível de formalidade 1)⁹

(8) Adoro misturar camisetas “podrinhas” com uma peça de couro, por exemplo. Podem fazer esse teste em casa, **super funciona** e fica um charme! Gostaram desse look tranquilex? Rs (*Corpus* 2011 – Nível de formalidade 1)¹⁰

No exemplo (2), a executiva Carolina responde à pergunta do entrevistador da revista “TPM” a respeito de como é trabalhar em uma empresa essencialmente masculina. O posicionamento de Carolina é o de que não é fácil lidar com tantos homens, sendo preciso “ter jogo de cintura”. Todavia, ela quebra a expectativa do interlocutor quando profere o enunciado “Eu super me dou com eles”. Com a construção “super me dou com eles”, a locutora se compromete com o conteúdo que está sendo veiculado pela proposição quando assevera sua afirmação de que tem uma relação realmente boa com os homens da empresa, já antecipando uma possível desconfiança do interlocutor em relação a seu discurso. Dessa maneira, Carolina focaliza e assevera a expressão verbal “me dou”. Observamos, ainda, nessa ocorrência, que a leitura intensiva autorizada pela forma “super” se transforma em força asseverativa.

No exemplo (3), o advérbio modalizador “super” focaliza o verbo “indico” e sinaliza para o interlocutor que o locutor está se comprometendo com a verdade da proposição. Dessa maneira, mais do que indicar o trabalho de Chris Brooks e de sua equipe do Club Concierge, o locutor assevera a verdade proferida: ele realmente indica o trabalho, ele o indica com toda certeza. Nessa ocorrência, a intensidade com que o locutor indica determinado trabalho se transforma em força asseverativa. Dessa maneira, a leitura intensiva é alcançada nas entrelinhas do texto.

Em (4), o locutor, com a construção “super aceitou o estilo azul”, além de se comprometer com a veracidade da proposição, julga como sendo positiva a possibilidade de as pessoas aceitarem, com naturalidade, a sombra azul durante o dia. Nessa construção, “super” atua como um advérbio focalizador e de modalização epistêmica asseverativa.

⁹ Disponível em: <<http://www.vendenafarmacia.com.br/2008/10/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.blogdamariah.com.br/index.php/2011/11/look-do-dia-huck/>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

Em (5), a blogueira Camila Coutinho pondera que nunca tinha prestado atenção nas maquiagens da Nyx até perceber que as meninas americanas usam muito e “super recomendam”. Com a construção “super recomendam”, Camila avalia os produtos da Nyx como sendo de boa qualidade, bem como pretende convencer seus interlocutores a compartilharem da mesma avaliação.

No exemplo (6), a blogueira Vic Ceridono comenta e avalia a qualidade de alguns lápis pretos para olhos. Com a construção “SUPER dá pra ser com ele”, a blogueira sustenta a sua opinião, alcançada via processo inferencial, de que o lápis da categoria “seco” é bom, e, ainda, avalia como sendo positiva a possibilidade de fazer um borrado com tal lápis, embora os mais cremosos deslizem melhor. O advérbio modalizador “super”, desse modo, além de dar proeminência ao verbo “dá”, assevera a proposição de que, sim, dá para fazer o borrado com o lápis seco. Vic Ceridono utiliza, ainda, o recurso ortográfico das letras garrafais em “SUPER” a fim de maximizar sua avaliação positiva e sua asseveração.

No exemplo (7), o locutor revela ter sido convidado para um desfile do SOHO, que é “responsável por inovar, inventar, pensar e criar cores e cortes que refletem as tendências internacionais”. De acordo com a inferência sugerida no texto, o desfile aconteceria no mesmo horário da aula de inglês do locutor. Nesse sentido, a fim de avaliar o desfile como sendo um evento importante, o locutor utiliza a construção “super entendeu”, referindo-se à compreensão da professora de inglês quanto à falta da aluna à aula. Percebemos, nesse caso, uma motivação emocional e uma motivação argumentativa que justificam seu comportamento final – ir ao desfile.

No que se refere ao exemplo (8), o locutor avalia positivamente a combinação camiseta “podrinha” e peça de couro. Através do advérbio “super”, o locutor coloca em relevo o verbo “funciona”, ao mesmo tempo em que se compromete com a veracidade da proposição, em uma estratégia de convencimento de seus interlocutores. Mais uma vez, observamos que a força intensiva de “super” se transforma em força asseverativa, revelando um uso [+ intersubjetivo].

3. Considerações finais

No presente trabalho, defendemos que a microconstrução avaliativa $\{[\text{super}]_{\text{op}} + [\text{verbo}]_{\text{var}}\}^{\text{int/foc}}$ pode ser pensada com base em um esquema mais abstrato – $\{[\text{X}]_{\text{op}} + [\text{Y}]_{\text{var}}\}^{\text{int/foc}}$

–, que permite a emergência de novos padrões construcionais, os quais, mesmo possuindo similaridades com outras construções da rede, apresentam especificidades.

Com os exemplos expostos, evidenciamos que, na microconstrução avaliativa {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc}, o locutor codifica linguisticamente seu posicionamento avaliativo em relação à veracidade da proposição, mediante os recursos da focalização, da intensificação e da modalização.

Verificamos, também, com base na análise qualitativa dos dados, que, nessa microconstrução, fica mais evidente o papel do locutor como responsável pela proposição. Ao mesmo tempo em que o locutor seleciona palavras e sentimentos para expor os fatos, posicionando-se como autor, compromete-se com as palavras que profere, posicionando-se como responsável.

Portanto, neste trabalho, defendemos que a microconstrução avaliativa {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc} se caracteriza como sendo [+ intersubjetiva], visto que exprime, além da focalização, a intensificação implícita – que fica a cargo da interpretação do interlocutor – e o posicionamento avaliativo do locutor diante da proposição mediante o recurso da modalização. Nessa microconstrução, a intensificação do verbo se transforma em força asseverativa, de maneira a indicar o comprometimento do locutor com relação à veracidade da proposição.

Entendemos, dessa maneira, que a pesquisa realizada será relevante aos estudos que têm como princípio a língua em uso e, mais especificamente, àqueles que se dedicam à investigação da instanciação de construções a partir de uma proposta de rede esquemática. Com o presente trabalho, pretendemos, ainda, contribuir com os estudos teóricos nos domínios da avaliação e da modalização na linguagem.

Referências bibliográficas

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Variação linguística, mudança linguística e construcionalização. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. 252 p.

_____. Usage-based Theory and Exemplar Representations of Constructions. In: HOFFMAN, T; TROUSDALE, G. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013, p. 52-64.

CASTILHO, A. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. 768 p.

CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Apresentação. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 7-11.

CRESWELL, J. W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 249 p.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001. 448 p.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, volume especial, p. 83-101, dez. 2016.

CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. Introduction. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Orgs.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 1-26.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

_____.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44.

_____.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, volume especial, p. 55-67, dez. 2016.

_____.; CUNHA LACERDA, P. F. A. da. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; CEZÁRIO, M. M. (Orgs.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017, p. 17-45.

GONÇALVES, C. A. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.31-50, jan./jun. 1998.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEBGALVÃO, V. C. (Orgs.). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 207 p.

JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J.; TURNER, L. A. Toward a definition of mixed methods research. *Journal of mixed methods research*, v. 1, n. 2, p. 112-133, abril 2007.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p.

_____.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. (Orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. 320 p.

MARTIN, J. R. Introduction. *Text*, v. 23, n. 2, p. 171-181, 2003.

MARTINS DALL'ORTO. *Construções avaliativas com "super", "mega", "hiper" e "ultra" na língua portuguesa: uma proposta de rede construcional a partir da linguística funcional centrada no uso*. 2018. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.

MOURA, M. Z. de. *Complexo oracional subjetivo sob a abordagem construcional da mudança*. 2017. 223 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 160 p.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 1008 p.

_____. *Texto e gramática*. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011 [2006]. 336 p.

OLIVEIRA, M. R. de; ARENA, A. B. Arquitetura construcional e competição pelo uso. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

OLIVEIRA, N. F. de. *Gramaticalização do verbo "esperar": uma abordagem funcionalista*. 2012. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.

PAGE, R. An analysis of appraisal in childbirth narratives with special consideration of gender and stotytelling style. *Text*, v. 23, n. 2, p. 211-237, 2003.

QUAREZEMIN, S. *Estratégias de focalização no português brasileiro: uma abordagem cartográfica*. 2009. 198 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos de linguagem. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora*. Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 61-79, 1999.

SAMBRANA, V. R. M. *Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais "olhar" e "ver": uma abordagem construcional*. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 364 p.

SILVA, J. R. Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação. 2008. 308 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande do Norte.

_____. O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2014. 140 p.

TRAUGOTT, E. C. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. In: *ICHL XII*, Manchester: Stanford University, 1995.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Orgs.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010, p. 13-26.

_____.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005. 364 p.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. 279 p.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do Português Falado Vol. VII: Novos estudos*. São Paulo: Humanitas / FFLCHUSP; Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1999, p. 77-130.

VIEIRA, A. T. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança*. 2007. 160 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013 [2008], p. 71-85.

WHITE, P. *An introductory tour through appraisal theory*. 2003. Disponível em: <[http://www.gramatics.com/appraisal/Appraisal Guide](http://www.gramatics.com/appraisal/Appraisal%20Guide)>. Acesso em: 10 set. 2004.

Abstract

This article intends to describe the form-function pairing of the evaluative micro-construction “*super*” associated to a verb in the Portuguese language – {[super]_{op} + [verb]_{var}}^{int/foc} – from a proposed taxonomic network that relates such constructional pattern in a hierarchical way around a common abstract scheme – {[X]_{op} + [Y]_{var}}^{int/foc}. For this, we are based on the contribution of Usage-based Functional Linguistics, whose basic assumptions are the renewal of language through use, the study of grammar and discourse simultaneously, and the correlation between linguistic forms

and functions. The methodology used is the equation between the qualitative analysis of the occurrences and their frequency of use. For the analysis of the occurrences, we have constituted a written synchronic *corpus*, whose texts, taken from blogs and magazines available on the Internet, established within an (in)formality *continuum*. The obtained results point out that the micro-construction {[super]_{op} + [verb]_{var}}^{int/foc} has as characteristics (i) the evaluative positioning of the speaker with a focusing attitude, (ii) the property of modalization, (iii) the attribution of intensification implicitly and (iv) the [+ intersubjective] use. In this sense, it is observed that “super”, in the analyzed micro-construction, fulfills a communicative purpose in the Portuguese language.

Keywords: Usage-based Functional Linguistics; Micro-construction; Evaluation; Modalization; “*Super*” associated to a verb.